

## **Navegando pelo Cotinguiba: representações de Maruim no século XIX a partir dos relatos de viajantes**

DENIO SANTOS AZEVEDO\*<sup>1</sup>

O cerne desta pesquisa consiste em analisar as representações de Maruim a partir dos relatos de viajantes que visitaram a província de Sergipe D' El Rei na segunda metade do século XIX. Para tal, pretende-se localizar e contextualizar a cidade de Maruim na região economicamente mais próspera da província e perceber como esta foi representada a partir dos imaginários dos viajantes. Os relatos de viagem aqui destacados neste escrito foram publicados na revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e foram aqui entendidos como fontes históricas que são construídos a partir da memória do vivenciado, do choque de culturas, da análise comparativa com outras realidades visitadas e em alguns casos embasados em escolas de pensamento do período em questão.

Ciente de que o objeto aqui discutido não está isolado, a necessidade do contexto e da crítica da fonte histórica se torna uma premissa desta análise. Destacam-se nestes relatos a hospitalidade doméstica dos anfitriões, a preparação da cidade para receber visitantes ilustres como o imperador D. Pedro II, a presença marcante de estrangeiros no município, a descrição da fauna e da flora.

As cidades são trajadas de acordo com o contexto em que se encontram inseridas. A sua feição e as suas vestes por diversas vezes seguem uma tendência da moda e dos modismos. Caso a necessidade seja a de uma cidade protegida, que levantem e destaquem os muros, os exércitos e as armas. Caso haja uma mudança de pensamento por parte dos planejadores urbanos, motivado pelo momento histórico que vive e percebam que a nova tendência é o comércio, apresentem os portos, as ferrovias, os aeroportos, as fábricas e indústrias como marcas características das cidades.

Com isso as cidades são construídas e reconstruídas, imaginadas e (re)imaginadas, criadas e (re)criadas, apresentadas e representadas. “As cidades não são apenas espaços materiais ou vividos; são igualmente espaços de imaginação e de representação” (GOMES, 2008: 59). Para Bresciani (1998: 237), “as cidades são antes

---

\* Professor do Núcleo de Turismo da Universidade Federal de Sergipe. Doutorando em Ciências Sociais pelo Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe.

de tudo uma experiência visual”. Para Henriques (2003: 135) a cidade “não é somente um espaço real e objetivo é também um espaço representado”.

Nos relatos de viagem quem destaca, valoriza, destrói, critica e constrói as representações das cidades o faz a partir de todo um significado carregado de intencionalidade. Mas as cidades não são (re) apresentadas somente através destes relatos e nem somente carregam as marcas das intenções nas construções das imagens e representações das mesmas. É nesse quadro de disputa entre diferentes narrativas, imagens e representações sobre a cidade que poderemos identificar alguns dos seus significados. São estes significados que eliminam os argumentos que tentam resumir a diversidade das cidades em um discurso unitário ou totalizante.

Para Fortuna e Peixoto (2002: 17) “as imagens possíveis de um objeto correspondem ao vasto leque de visões que um objeto pode suscitar a partir das suas múltiplas características”. Nas cidades visitadas há uma “estetização da vida cotidiana” (LASH e URRY, 1994).

Nos relatos aqui pesquisados as descrições ali inseridas devem passar a ideia e a sensação que está representando exatamente o real, o que, por exemplo, um futuro visitante deverá encontrar quando finalmente chegar ao destino. Ou reproduzir um maior número de informações para interessados em conhecer o desconhecido. Por isso deverá reproduzir uma sensação do real vivido com o máximo de semelhança.

Esta produção imagética é feita a partir de uma dada realidade existente. Então passa a ser uma “imagem criada artificialmente” e possui o “intuito de exercer uma influência qualquer nas idéias e ações dos sujeitos a quem se dirige” (PINO, 2006: 27). Estas imagens podem ocultar “o sentido real da realidade ou até mesmo induzir outro diferente” (PINO, 2006: 27).

As narrativas aqui analisadas são construídas a partir de uma memória do vivenciado e esta tem como características ser seletiva e inventiva. Tais descrições não são os lugares e as pessoas, são relatos, mas ao mesmo tempo sabendo que todos estes são (re)conhecidos, assemelhados ou comparados com tais escritos que lhes representam.

A forma como as cidades visitadas são apresentadas nestes diários de viagem retratam o diálogo que os viajantes estabeleceram com as referências científicas, com outros lugares visitados e com o imaginário do seu tempo. Nos relatos destacados, viaja-

se no tempo em direção aos cenários e situações que neles são representados; desloca-se ao passado, navega-se pelo presente e imagina-se um futuro possível de contemplação. Vive-se por instantes essa ilusão imagética através das lembranças, das vivências e das variadas representações e significações.

A produção de imaginários ao longo da história foi influenciada por diversos fatores políticos, econômicos, culturais. O imaginário foi utilizado, em diversos períodos, como forma de exprimir paixões, ideologias, devoção e visões de mundo, por exemplo. Nos relatos de viajantes ficamos diante de uma forma de manifestação em que os fins para os quais se destina estão diretamente interligados aos seus aspectos estéticos e as narrativas que concretizaram passagens, memórias, cotidianos, vultos.

“As viagens povoam o imaginário das civilizações desde os primórdios (...) os perigos e as maravilhas das viagens sempre encantaram as pessoas” (TRIGO, 2010: 21). As viagens de Ulisses a Ítaca no seu retorno após a Guerra de Tróia foi construída, pautada em um imaginário de época e reveladas ao mundo pelos escritos que foram atribuídos a Homero na Odisséia. O diálogo com os deuses gregos, as ninfas, os perigos do mar, as embarcações, os sentimentos, a curiosidade humana, os desejos, os prazeres aparecem de forma destacada nesta que é uma das mais importantes literaturas históricas de todos os tempos.

Como não se lembrar do imaginário paradisíaco terreno, luxuoso e extravagante do país da Cocanha. Uma terra que ninguém envelhecia, as casas eram feitas de doces ou cevada, o dinheiro não tinha o seu valor contemporâneo já que as lojas doavam aquilo que deveria ser vendido. As terras de Prestes João é outro exemplo de um reino cristão, mas que tinha monstros, em uma relação muito próxima da dicotomia entre céu e inferno. Os grandes monstros marinhos capazes de abocanhar uma embarcação com toda a sua tripulação povoavam as águas do oceano Atlântico até o século XV. O debate sobre a forma geométrica do planeta Terra definiu rotas estabelecidas por Portugal e Espanha no processo de grandes navegações.

Na Carta de Pero Vaz de Caminha, o nítido contraste entre o contexto europeu e a recém achada Terra de Vera Cruz, o encontro com o “diferente”, a visão minuciosa do desconhecido. Sobre o achado informa: "Esta terra, senhor (...) Águas são muitas; infundas. E em tal maneira é graciosa que querendo-a aproveitar dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem." Sobre os primeiros homens que encontraram “eram pardos,

todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. (...) Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto”.

Ainda com relação aos índios afirma Caminha: “traziam os beiços de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador”. Os “seres bestiais” e inocentes trocavam arcos e lanças por papéis e pequenos objetos. Relatos sobre a vegetação, a expectativa do ouro, as embarcações utilizadas pelos índios, as suas moradias, o acolhimento e demais elementos fazem parte desta descrição feita pelo escrivão da frota de Cabral e encaminhada ao rei D. Manuel de Portugal em 1500.

São estes processos de conhecimento e reconhecimento, em contextos históricos distintos e interesses diferenciados, influenciados ou não por um cientificismo em voga, que constroem no mundo, imaginários diferenciados sobre as mais variadas localidades. Tais imaginários preenchem lacunas deixadas pela memória, criam cenários, elaboram expectativas e respondem a questões que as sociedades almejam nos seus questionamentos cotidianos. “Viajantes preenchem os territórios ou lugares desconhecidos com seus imaginários sobre eles” (GASTAL, 2004: 63). Este preenchimento é feito a partir de uma experiência vivida ou imaginada, pautado em uma memória coletiva e com possibilidades de aceitação por parte do restante da sociedade. Normalmente, este é solidificado com exemplos, imagens e narrativas que aguçam as mentes humanas.

São essas viagens da mente, os filmes individuais, os sonhos, os segredos, a imaginação, as interpretações, os diálogos que dão significados diferenciados às representações das cidades. A forma como Maruim e os seus habitantes são destacados a partir dos imaginários aqui pesquisados retratam o diálogo que os agentes sociais estabeleceram com as referências de seu tempo. Principalmente aquelas associadas ao contexto de vida, ao acervo pessoal, ao contato com as informações e com a absorção do conhecimento. Nos aspectos ressaltados, viaja-se no tempo em direção aos cenários e situações que nelas são representadas; desloca-se ao passado, navega-se pelo presente e imagina-se um futuro possível de contemplação. Vive-se por instantes essa ilusão do imaginário através das lembranças, das vivências e das variadas interpretações e significações destas representações.

## Representações de Maruim nos Relatos dos Viajantes

Nascida às margens do rio Ganhamoroba, Maruim, logo se tornou um entreposto de grande quantidade de açúcar, permitindo o estabelecimento das mais importantes casas comerciais da província de Sergipe d' El Rei. Obteve destaque como grande centro urbano, comercial, político e social, sendo as disputas pelo poder político que trouxe para si a condição de vila de Santo Amaro de Maruim em 19 de fevereiro de 1835 e à cidade em 05 de maio de 1854.<sup>2</sup>

Sua função de cidade portuária não pode ser negligenciada no tratamento da questão urbana na Província de Sergipe d'El Rei, destacando ainda seu papel na malha de comunicação propiciada pela rede fluvial que a serve. Nesta, uma intensa navegação, colocava Maruim em comunicação direta e permanente com povos estrangeiros, com a Bahia, com o Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Sul, São Paulo, dentre outros, comunicação que lhe permitia incorporar valores e modelos de sociedades que lhe servia de referência. Maruim se tornou o principal centro econômico de Sergipe na segunda metade do século XIX. Localizado na região de maior importância econômica, devido à produção do açúcar, de toda a província, até o início da República.

Saveiros, sumacas e outras embarcações navegando pelas barras atestavam o grau de riqueza da pequena Província, servindo para o intercâmbio social e cultural com os portos mais importantes do Império e alguns portos do mundo, destino e ao mesmo tempo origem de mercadorias. A exportação de açúcar e de outros produtos da terra

---

<sup>2</sup> Maria da Glória S. de Almeida. Sergipe: fundamentos de uma economia dependente. Petrópolis: Vozes, 1984. Há uma correspondência popular enviada à Câmara dos Deputados em 04 de setembro de 1833 por habitantes de Santo Amaro das Brotas, logo após a emancipação de Maruim desta cidade, em que diz: “a povoação do Maroim, que conterà em si cento e tantas moradas de casas, he de pessima habitação, situada ao pé do porto do Engenho denominado – Maroim de Baixo – cheia de pantanos, charcos, e imundices pelo inverno, mormente as ruas, por onde tranzitão tres a quatro mil carros, que na safra conduzem caixas de assucar para um Trapiche, que há naquelle porto, anexo ás moradas, e pelo verão demasiado pó de terra da immensidade dos mesmos carros, que emporcalhão as mobílias dos moradores d’ambos os lados das ruas; dentro em si tem dois apicuns, que cheios pelas marés grandes, são obrigados os habitantes a transitarem por huma côncava e estreitissima calçada; (...) e os seus habitantes no inverno conduzem agua para beber do Engenho Prais – no verão do Porto das Redes, em distancia maior de legua por mar; são obrigados a lavarem suas roupas, ou na Villa de Santo Amaro, ou no Rio – Siriri, (...) e huma feira tão diminuta, que há nos Sabbados, chega até o meio dia.” Pelo momento político que atravessava as duas localidades o conteúdo deste documento é analisado com bastante receio, mas percebe-se a grande produção e comercialização do açúcar em Maruim, e confronta a real situação da estrutura da cidade com os relatos dos ilustres visitantes a partir de 1856. não se descarta nesta pesquisa uma realidade dicotômica entre campo-cidade, portanto considerando a fonte histórica acima transcrita.

correspondia à importação dos bens que a insipiente sociedade consumia. E o melhor testemunho está na visita que fez a Maruim o Imperador D. Pedro II, a Imperatriz e comitiva, em janeiro de 1860. “Todas as ruas estavam calçadas e limpas, as casas pintadas ou caiadas, e as obras, em conclusão, da Igreja Matriz, com recursos do Barão de Maruim confiados ao vigário José Joaquim de Vasconcelos, encantavam os ilustres visitantes”.<sup>3</sup>

No diário do Imperador D. Pedro II (1926: 71) percebe-se ainda as condições do ensino em Maruim, no ano de 1860, a partir de visitas feitas a duas salas de aula existentes no município pelo governante do Brasil:

*aula de meninas 47 matr. freq. 30 a letra da professora é sofrível. 1º lê sofrivelmente, apenas gramática, sabe só multiplicar. Há menos dum ano tendo estado noutra aula; mas não sabendo nada, segundo a mestra. 2º lê melhor, gramática quase nada; começa apenas a dividir. Esta que é uma das mais adiantadas mal sabe o credo. Há um ano mas já tinha estudado antes, mas quase nada segundo a professora. Letra sofrível. A professora parece não servir. Aula de meninos 113 matr. freq. 56 a 60. 1º lê sofrivelmente, apenas começou gramática, mas a nada respondeu talvez por acanhado. Sabe só multiplicar. Há mais dois anos freq. outra. 2º o mais adiantado, lê sofrível, e nada respondeu sobre simples pergunta de gramática. Dividiu bem e mal sabe a prova real. Há mais de dois anos quase 3. 3º lê mal nada de gramática, sabe só multiplicar. Há quase 3 anos mas já tinha estudado noutra aula; falta muito por ser a mãe pobre. Quase nada sabem da doutrina e o professor, que parece, pelo menos, medíocre*

Em Sergipe no ano de 1872, “66,4% da população era analfabeta; em 1890 este número se amplia para 67,2% enquanto que no mesmo período no Brasil a média era de 85%” (NUNES, 1984: 232). Por volta de 1876, Machado de Assis constatava a inexistência de um público leitor afirmando que a nação não sabia ler (FAORO, 1989: 84). Silvio Romero (1902: 13) afirmava que o público leitor no Brasil era formado neste período por acadêmicos e alguns empregados públicos já bacharéis, já os lavradores, os negociantes, os criadores, os industriais, os políticos e os administradores não possuíam o hábito ou eram analfabetos.

---

<sup>3</sup> Transcrição de trecha do diário do Imperador Pedro II, que trata da sua visita as localidades de Aracaju, são Cristóvão, Maruim, Laranjeiras e Estância, em janeiro de 1860. Diário do Imperador Pedro II na sua visita a Sergipe, em janeiro de 1860. Revista do IHGS. Aracaju, v. 21, n.º 26 a, p. 64-78, 1965.

Seguindo estatística da população livre e escrava de Sergipe por comarcas, distritos de subdelegacias e quarteirões de 1854, a população total de Sergipe seria de 132.640 pessoas, sendo 100.192 livres e 32.448, distribuídas em seis (06) Comarcas (São Cristóvão, Laranjeiras, Maruim, Vila Nova, Estância e Lagarto) e vinte e oito (28) subdelegacias. A Comarca de Maruim abrigava as subdelegacias de Maruim, Rosário, Capela e Japarutuba. Especificamente a subdelegacia de Maruim teria uma população total de 4.149 pessoas, sendo 2.884 livres e 1.265 escravos.<sup>4</sup>

Conrad (1975) afirma que de acordo com o primeiro recenseamento que se fez no Brasil em 1872, a população total era da ordem de 9.930.478 habitantes. Em 1874, Sergipe teria 172.876 habitantes. Agravando, o número de escolas primárias não excedia de 4.000 em todo o país, e o número de alunos não chegava a 160.000. E mesmo em 1889, em estatística destinada à propaganda do Brasil na Europa, o Governo calculou as escolas em 7.000 e os alunos em 300.000.

A crescente produção açucareira, nas terras pretas e gordas do massapê fez de Maruim um centro urbano destacado na Província, para onde convergiam as atenções. Em uma viagem feita pelo rio Cotinguiba em 1859, o médico alemão Robert Avé-Lallemant, foi a Maruim, a convite da família alemã residente na localidade, os Schramm, e constatou que “colinas ridentes, cobertas dum verde fresco, matas, pastagens e canaviais formam a pastagem”.<sup>5</sup> Sem dúvida, a cana-de-açúcar era o grande motor de Sergipe durante todo o século XIX e a região da Cotinguiba era a peça principal no funcionamento desta máquina. Chegou em Sergipe a bordo de um vapor elegante, aconchegante e bonito, o “Valéria de Sinimbú”. No dia 12 de maio de 1859, “descia o S. Francisco, mais encantado agora com os belos cenários que eu podia contemplar”.

A família Schramm em Maruim foi a detentora das firmas Schramm & Cia., conhecida na região da Cotinguiba como Casa Inglesa, o nome dado pelo seu primeiro proprietário Eduardo Winne, que acumulava os cargos de vice-cônsul da Noruega e da Suécia em Maruim, que com a crise motivada pela Guerra do Paraguai decidiu vender o

---

<sup>4</sup> Arquivo Público do Estado de Sergipe. Pacotilha 287.

<sup>5</sup> Atendendo um convite dos Schramm, família alemã residente em Maruim, onde tece até alguns comentários sobre a hospitalidade da “*amável dama alemã*”, referindo-se a Adolphine Schram. Robert Avé-Lallemant. Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (1859). Belo Horizonte/São Paulo: ed. Itatiaia/ed. da USP, 1980.

empreendimento ao sr. Adolph Schramm. Eram exportadores de açúcar e importadores de máquinas. F. Otto Schramm assume o controle dos negócios da família em 1865, ano da morte de sua tia Adolphine Schramm casada com o responsável pelos negócios até este momento Ernest Schramm. Possuía filiais em Recife, Salvador, no Rio de Janeiro e na cidade alemã de Hamburgo.

A instituição deu grande impulso à economia sergipana no setor de crédito, financiando safras de açúcar e na aquisição de propriedades rurais. Merece um estudo mais apurado, mas pode ser considerada como a primeira casa bancária de Sergipe. Pelo seu prestígio econômico trouxe para Maruim aproximadamente trinta alemães entre comerciantes, médicos e trabalhadores rurais livres. F. Otto Schramm é o grande responsável pela criação do Gabinete de Leitura de Maruim em 1877, uma instituição privada, veiculadora dos ideais liberais, abolicionistas e republicanos.<sup>6</sup>

Avé-Lallemant destaca também o grande movimento do “Porto das Redes” em Maruim trazendo mercadorias variadas tais quais: máquinas, bacalhau, charque do rio da Prata, farinha de trigo, manteiga, louças, bebidas, tecidos, cravo, canela, dentre outros e levavam, na sua grande maioria, açúcar. Ao destacar o Porto das Redes e a sua percepção sobre a cidade de Maruim o imperador D. Pedro II (1965: 72) fala sobre “uma povoação com algumas casas e trapiche dos Schramm. Igreja feita pelo Maruim (que seria o Barão de Maruim) etc. Capela da Boa Hora, casa dos Schramm. Casa da Câmara; depósito de presos; escolas (...) água de cisternas e poços, boa na Taboca”. Ressalta ainda a existência de uma feira aos sábados na beira do rio, onde se destacava os gêneros alimentícios.

Com relação ao médico Avé-Lallemant o que lhe chama mais atenção é a hospitalidade dos alemães residentes em Maruim “em parte alguma em toda a minha viagem me foi tão grato um amável acolhimento (...) se depara subitamente a mais agradável, requintada e fina cultura européia, estendida às pessoas, à casa, ao seu arranjo, costumes, modos de vida”. Para ratificar as suas impressões e sensações da acolhida oferecida pelos Schramm na cidade de Maruim em Sergipe, o médico alemão

---

<sup>6</sup> Sobre o Gabinete de Leitura de Maruim consultar AZEVEDO, Denio Santos. Esfera Pública e Sociabilidade: Grandeza e decadência do gabinete de Leitura de Maruim. São Cristóvão/SE:UFS,2003. (dissertação de Mestrado apresentada ao NPPCS/UFS).

ressalta: “se quisesse, porém, descrever Maruim conforme me receberam, bastaria recordar como Ulisses foi recebido pelos feácios”.<sup>7</sup>

È perceptível no texto ainda uma relação minuciosa da fauna, cobras, gafanhotos, aranhas caranguejeiras e lagartixas e da flora de Maruim “viçosas bignônias, trepadeiras floridas, lantanas e solâneas, uma cana com bonitas flores amarelas muitas sensitivas”

Com a entrada na barra da Cotinguiba de barcos europeus, principalmente de Lisboa, Liverpool, Hamburgo, Copenhague, Gibraltar e os portos no Canal da Mancha que absorvia uma média de 60% do açúcar sergipano, há uma abertura do comércio direto entre a Província e outros países. Isto condicionou o estabelecimento de empresas estrangeiras responsáveis pelos negócios de compra e venda dos produtos sergipanos e o estabelecimento de alguns consulados na província.

Até o final do século, as casa de exportação estrangeiras se estabeleceram nas cidades de Maruim e Laranjeiras, então os mais importantes centros comerciais e financeiros de Sergipe. Industrialmente a mais importante delas foi A. Schramm e Cia, casa alemã hamburguesa, radicada em Maruim, possuidora de várias propriedades açucareiras e participando ativamente do comércio de algodão a partir de 1864. Com relação aos consulados, existiam em Maruim no século XIX o da Alemanha, da Suíça, da França, da África Inglesa, da Inglaterra, da Noruega, da Itália, da Áustria e o de Portugal.<sup>8</sup>

Na disputa interna pelos mercados açucareiros, no final do século XIX, Sergipe perde diante da concorrência de outros centros brasileiros, principalmente de Pernambuco, mantendo sua posição relativa apenas no mercado do Rio de Janeiro. O avanço dos meios de transporte marítimo e a nacionalização da cabotagem coincidiram com o agravamento das condições de navegabilidade do estuário do rio Sergipe, inviabilizando a inclusão do porto de Sergipe na rota das grandes companhias de navegação de cabotagem ou faziam cobrando os mais altos fretes. Em 1903 somente um navio fazia uma viagem mensal, estando quase fechados os portos do estado.

---

<sup>7</sup> No texto publicado na Revista do IHGS existe uma nota do tradutor que diz: “povo fabuloso citado na Odisséia”.

<sup>8</sup> Sobre os consulados ver: Joel de Aguiar. Traços da História de Maruim. Aracaju/Se: Unigráfica, 1987. e José Cruz. Maruim e sua Economia. Aracaju: Prefeitura Municipal de Maruim, 1957.

Os relatos do médico alemão que viajou por boa parte do Brasil, constróem de forma significativa um imaginário de Maruim que aguçá os sentidos humanos. Nos seus escritos percebemos ainda a sua preocupação com as leis abolicionistas e a crise do açúcar e todo o seu preconceito com relação ao negro escravo afro-brasileiro a quem chama de “gente preguiçosa”.

Com a abolição, a economia brasileira, principalmente naquelas áreas onde foi mais forte o trabalho escravo, teria que reestruturar as bases do seu sistema produtivo. Algumas províncias dispõem de pré-condições para o desenvolvimento capitalista, como na maior parte da zona cafeeira. Outras, porém, incluindo-se as nordestinas, não possuem capital acumulado para experimentar alternativas substitutivas como a “migração de mão-de-obra européia ou para manter um fluxo garantido de assalariados ou, ainda, para fazer substituições de maquinaria. A primeira safra de açúcar pós-abolição rendeu 29% da média anual exportada no período 1871/88” (PASSOS SUBRINHO, 2000: 207).

As crises enfrentadas pela indústria açucareira no final do século XIX, decorrentes da escassez de mão-de-obra, da baixa de preços pela concorrência do açúcar de beterraba, da complexidade do sistema de produção reunindo a fazenda de cana e a fabricação de açúcar em uma só unidade e da má qualidade do produto, comparados com o açúcar africano, levaram o patronato, em grande parte, ao endividamento e falência. Os comerciantes entraram em dificuldades, a arrecadação diminuiu e o governo passou a atrasar o pagamento dos funcionários públicos. A precária máquina pública se deteriorava.<sup>9</sup>

Por influência do definitivo fechamento do porto, “os mercados compradores do produto sergipano são alcançados por via férrea e, principalmente, pelo sistema rodoviário implantado para ligar os centros urbanos do Nordeste e ligando-os aos mercados do sul” (ALMEIDA, 1989: 115). A prosperidade econômica em Maruim agora é uma questão de passado, já que a ferrovia construída em 1914 não contemplava a localidade. Era uma nova realidade econômica que interessava a Sergipe, o plantio do arroz e a cidade de maior destaque era Própria, localidade fronteira com o estado de Alagoas.

---

<sup>9</sup> Documento do Gabinete do Conselho de Estado de 02.10.1889, citando correspondência do Presidente de Sergipe de 15.07.1889, referindo-se as sérias dificuldades do tesouro da Província, citado por Ibarê Dantas em *A República em Sergipe*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. p. 17.

## Considerações Finais

Com isso, acredita-se que as representações dos lugares podem ser investigadas como artefatos culturais e sujeitas a explorações que revelem os sistemas de produção e significação que lhes dão origem a partir dos quais derivam o seu significado. Por trás de um relato de viajante existe uma disputa por espaço e um conjunto de ações, motivações e valores na construção da representação destas localidades.

A maneira como as pessoas compreendem e se empenham na construção destas representações dependerá de um contexto, de relações de poder, de um lugar e do tempo específico nesta elaboração. A representação de uma cidade e dos seus habitantes nunca é um objeto inerte e imutável. Os diferentes interessados (governantes, residentes, comerciantes) apropriam-se desta e contestam, criticam, indagam, acrescentam informações “esquecidas”, lugares não contemplados. Esses atos, somados aos aqui já elencados fazem parte da maneira de como essas representações são criadas e disputadas por agentes, grupos, cidades, províncias, dentre outros.

Tais representações atreladas aos imaginários criam mitos locais, inventam tradições, elaboram uma idéia do que venha a ser o lugar. Essa representação contribui para o consumo de paisagens, espaços, lugares, não-lugares, para pessoas diferentes em tempos diferentes.

Maruim na análise comparativa com outras localidades sergipanas aparece como centro cultural, político e econômico nos relatos dos viajantes. Além disso, ela era ponto de encontro de estrangeiros que queriam transformar a cidade em um pedaço da Europa, organizada, maquiada, com ruas calçadas a espera dos seus ilustres visitantes.

Representada em alguns momentos a partir de uma organização urbana, estava centrada em uma realidade tipicamente rural, marcada pelos canaviais tocados a escravos. Tinha a frente estrangeiros, portadores de um tempo europeu, movido por ideais liberais, procurando reproduzir no meio que viviam projeções de outro mundo, objetivando criar símbolos representativos de distinção, progresso e civilidade.

Cidade marcada pela prosperidade do açúcar e pela hospitalidade da incrível dama alemã. Lugar que parou no tempo e que praticamente desmoronou com a nova realidade econômica do Brasil e de Sergipe pós abolição da escravatura. Em 21 de agosto de 1927, em discurso pronunciado nas comemorações do cinquentenário do

Gabinete de Leitura de Maruim, Joel Aguiar parecia adivinhar o futuro da cidade de Maruim

*se a fatalidade lançar algum dia sobre nós as malhas do regresso, obrigando-nos a palmilhar e a perlustrar a tenebrosa estrada da decadência, esta cidade não morrerá de todo, porque será sempre lembrada como terra propagadora das letras (...) se o destino nos levar à triste situação de um lugarejo, onde não se houve o ruído do progresso e a harmonia da justiça, forçando-nos a olharmos entristecidos para as quietas águas do Ganhamoroba, esta cidade não morrerá de todo, porque um pharol brilhará sempre à vista de quem aqui pizar, encadeando de alegria a retina do viajor.*

A Maruim contemporânea está muito mais próxima dos relatos de D. Pedro II sobre as aulas públicas realizadas na localidade em 1860 do que das luzes que irradiavam dos livros e dos debates no interior da sua “officina de luz”, ou seja o seu gabinete de Leitura. A terra que já foi chamada de “propagadora das letras” não conseguiu se manter no seu posto de farol da intelectualidade sergipana. As verdes colinas e a variada vegetação deu lugar a um processo de urbanização desorganizado e mal projetado que já trouxe conseqüências terríveis para a população.

#### **Referências Bibliográficas:**

**A Carta de Pero Vaz de Caminha.** Disponível em: <[http://www.portalabel.org.br/attachments/116\\_A\\_CARTA\\_Pero\\_Vaz.pdf](http://www.portalabel.org.br/attachments/116_A_CARTA_Pero_Vaz.pdf)>. Acesso em: 18/04/2011

AGUIAR, Joel. **Escorço Histórico do Gabinete de Leitura de Maruim.** Aracaju, Gráfica Gutemberg, 1929.

\_\_\_\_\_. **Traços da História de Maruim.** Aracaju/Se: Unigráfica, 1987.

ALMEIDA, Maria da Glória S. de. **Sergipe: fundamentos de uma economia dependente.** Petrópolis: Vozes, 1984.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Excursão à província de Sergipe.** Viajando para Aracaju no rio Cotinguiba. Maruim. Revista do IHGS. Aracaju, v. 21. nº 26 a, p. 92-99, 1961.

AZEVEDO, Denio Santos. **Esfera Pública e Sociabilidade: grandeza e decadência do Gabinete de Leitura de Maruim.** São Cristóvão/SE: UFS, 2003. (dissertação de mestrado em Sociologia apresentada ao NPPCS da UFS).

BRESCIANI, M. S. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, M. C. (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998, p. 237-258.

CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravatura no Brasil (1850 – 1888).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: INL, 1975.

CRUZ, José. **Maruim e sua Economia**. Aracaju: Prefeitura Municipal de Maruim, 1957.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe**: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Reordenamento do Trabalho**: trabalho escravo e trabalho livre no Nordeste açucareiro: Sergipe 1850/1930. Aracaju: FUNCAJU, 2000. p. 207.

Diário do Imperador Pedro II na sua visita a Sergipe, em janeiro de 1860. Revista do IHGS. Aracaju, v. 21, n.º 26 b, p. 64-78, 1965.

**Diário do Imperador Pedro II na sua visita a Sergipe, em janeiro de 1860**. Revista do IHGS. Aracaju, v. 22, n.º 26 a, p. 64-78, 1965.

FAORO, Raimundo. **O verdadeiro imortal**. Revista Isto É Senhor. São Paulo. 21 de junho de 1989. p. 84.

FORTUNA, Carlos; PEIXOTO, PAULO. A recriação e reprodução de representações no processo de transformação das paisagens urbanas de algumas cidades portuguesas. In: FORTUNA, Carlos e SILVA, Augusto Santos (orgs.). **Projecto e Circunstância**: Culturas Urbanas em Portugal. Porto: Edições Afrontamento, 2002. p. 17-63.

GASTAL, Susana. **Turismo, Imagens e Imaginários**. São Paulo: Aleph, 2004.

GOMES, Carina Sousa. **Imagens e narrativas da Coimbra turística**: entre a cidade real e a cidade (re)imaginada. Revista Crítica de Ciências Sociais. n.º 83, dezembro de 2008. p. 55-78.

HENRIQUES, Cláudia. **Turismo, Cidadania e Cultura**: planeamento e gestão sustentável. Lisboa: Edições Sílabo, 2003.

LASH, S. e URRY, J. **Economies of Signs and Space**. London: Sage, 1994.

NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Paz e Terra / Governo do Estado de Sergipe / UFS, 1984.

PASSOS SUBRINHO. Josué Modesto dos. **Reordenamento do Trabalho**: trabalho escravo e trabalho livre no Nordeste açucareiro: Sergipe 1850/1930. Aracaju: FUNCAJU, 2000.

PINO, Angel. Imagem, mídia e significação. In: **Imagem**: intervenção e pesquisa. Florianópolis: editor da UFSC, 2006. p. 39-49. p. 18-36.

ROMERO, Silvio. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. p. 13.

SILVA, J. M. **Michel Maffesoli**: o imaginário é uma realidade. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, n.º. 15, ago. 2001. p. 74-87.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. A viagem como experiência significativa. In: PANOSSO NETO, Alexandre e GAETA, Cecília (orgs.). **Turismo de Experiência**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.